

## TRAJETÓRIA AUTONOMISTA DA BIBLIOTECA ENGENHO DO MATO – BEM (NITERÓI/RJ)

*Luísa Marques Dias*

Doutoranda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista CAPES; Mestre (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia: Produção Social do Espaço: Natureza, Política e Processos Formativos em Geografia – linha de Relações de Poder – Faculdade de Formação de Professores (PPGEO/FFP/UERJ); Possui graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: território, sustentabilidade e alfabetização; Atualmente é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia (NEPGE/UERJ).

### RESUMO

O presente artigo busca evidenciar as dimensões espacial, social e temporal que a Biblioteca Engenho do Mato (BEM) articula em suas práticas espaciais insurgentes no seu território de atuação. As práticas espaciais realizadas pelo coletivo objetivam envolver o público jovem do CIEP-448 Ruy Frazão Soares, fundamentadas por uma perspectiva de educação libertária. Destaca-se, contudo, a trajetória autonomista da BEM a partir de um resgate histórico e territorial.

### PALAVRAS-CHAVE

Práticas Espaciais, Autogestão, Educação Libertária, Biblioteca, Ação Comunitária

## AUTONOMIST TRAJECTORY OF THE ENGENHO DO MATO - BEM LIBRARY (NITERÓI/RJ)

### ABSTRACT

This article seeks to highlight the spatial, social and temporal dimensions that the Engenho do Mato Library (BEM) articulates in its insurgent spatial practices in its territory of action. The spatial practices carried out by the collective aim to involve the young public of CIEP-448 Ruy Frazão Soares, based on a libertarian education perspective. However, BEM's autonomist trajectory stands out from a historical and territorial recovery.

159

### KEYWORDS

Spatial Practices, Self-management, Libertarian Education, Library, Community Action

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta considerações à experiência social contemporânea que acontece na Biblioteca Engenho do Mato (BEM), com novas investigações, pesquisas, estudos, conflitos e desafios. Para este artigo, pretendemos dar ênfase às práticas espaciais que acontecem cotidianamente na BEM, localizada no bairro do Engenho do Mato no município de Niterói (RJ). Para isso, fazer um resgate da sua trajetória autonomista é fundamental.

Ao mencionarmos acima a “experiência social”, entendemos que a BEM de fato experiencia diversas técnicas e habilidades, através das oficinas gratuitas ofertadas ao público que só serão consolidadas a partir do conhecimento adquirido na prática. Isso não significa que as oficinas esporádicas não sejam relevantes, elas também possuem seu grau de importância para aqueles que estiveram presentes e vivenciaram efetivamente na práxis, mesmo que tenha sido por um tempo mais curto em relação à outras atividades.

Pretendemos também apresentar brevemente o bairro do Engenho do Mato que está situado na Região Oceânica de Niterói-RJ, com uma área de 10,5 km<sup>2</sup> e uma população de 12.219 habitantes (IBGE, 2000)<sup>74</sup>. Este bairro encontra-se distante do centro, nos limites do município na periferia, apresenta um ritmo diferente de urbanização, é parcialmente privado de serviços e equipamentos básicos, além de possuir mobilidade urbana frágil, expressando a estrutura socioespacial segregada do tecido urbano do qual faz parte. O bairro está inserido na região de Mata Atlântica, rico na diversidade de fauna e flora, além de possuir o rio João Mendes que escoas suas águas para as lagoas de Piratininga e Itaipu (INEA, 2015).

Atualmente podemos observar no bairro um espaço híbrido entre o ambiente rural e o urbano que fica evidente na paisagem, destacando sua heterogeneidade com produtores locais rurais de hortifrutigranjeiros que tiram seu sustento da terra, movimentos de associativismo de bairro, comércio local, haras, estábulos, equipe de cavalgada e etc. Portanto, há uma forte presença de atividades geralmente ligadas ao que se compreende como ambiente rural, ao mesmo tempo em que

---

74 Cabe enfatizar que o censo do IBGE é feito de dez em dez anos e devido a pandemia do coronavírus os dados atuais ainda não foram divulgados.

busca se afirmar como urbano, pois é um destino muito procurado para instalação de “casas de veraneio” devido à proximidade das praias oceânicas.

Referente a revisão do Plano Diretor de Niterói, o projeto urbanístico pretende duplicar o gabarito residencial da região de 4 para 8 andares (Secretaria de Urbanismo e mobilidade, 2021: 149), ocasionando em impactos socioambientais como elevação da temperatura, impedimento da drenagem da água da chuva que podem ocorrer possíveis inundações e desabamentos, maior quantidade de moradores e conseqüentemente mais carros causando trânsito na região, além do aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e conseqüentemente do aumento do custo de vida. Com relação a isso, existe um sentimento de precaução dos moradores com todas essas transformações que o bairro do Engenho do Mato têm passado, devido a desconfiança em relação ao Estado. Portanto, reforçar ações autônomas, da comunidade e pela comunidade, são processos chave para a busca de uma liberdade emancipatória.

161

A Biblioteca Engenho do Mato cumpre uma função de destaque nos trabalhos de autogestão. É uma ocupação comunitária que no ano de 2023 completa dez anos de dimensão espacial e temporal de luta e resistência para defender a permanência em seu território. Propõe-se que a BEM é uma prática espacial insurgente, de cunho político e social.

Cabe enfatizar que a autora possui estreita relação com o tema pesquisado pois foi voluntária e militante da BEM ao logo dos anos, portanto a participação de militância é anterior à pesquisa. Em termos metodológicos, a pesquisa foi baseada em uma investigação qualitativa e foi desenvolvida através de uma “participação observadora”, orientada a partir de uma investigação militante (Bartholl, 2015: 141), onde quem já atua e participa do coletivo se torna um observador para refletir sobre demandas da prática.

O público alvo das ações da BEM são, em geral, são os alunos do CIEP-448 Ruy Frazão Soares e as pessoas da comunidade do entorno. Para além dessa perspectiva, podemos levar em consideração que a Biblioteca Engenho do Mato age sob a perspectiva de uma ótica decolonial, pois foge das práticas tradicionais de uma biblioteca formal, além de estar localizada

numa periferia latino americana. Portanto, apresentar o resgate histórico de formação da BEM, constitui uma metodologia importante para o entendimento da sua função social no território.

### TRAJETÓRIA AUTONOMISTA: EMANCIPAÇÃO E AÇÃO DIRETA

Em primeiro lugar, cabe enfatizar que a Biblioteca Engenho do Mato atualmente ocupa um espaço que antes pertencia ao Estado. Esse espaço era a biblioteca do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) 448 – Ruy Frazão Soares, inaugurado em 1993, com um funcionamento típico de todas as dependências de um CIEP modelo. A biblioteca nessa época funcionava perfeitamente, inclusive era considerada não apenas a biblioteca do colégio, mas também comunitária pois abria aos sábados para a comunidade, bem como almejava Darcy Ribeiro (1986) em sua obra “O livro dos CIEPs”.

162

As pesquisas indicam que em 2003 a biblioteca comunitária do CIEP foi fechada provavelmente por corte de verbas, demissões de funcionários, além de gestões posteriores que não deram continuidade no projeto. Esse acontecimento não foi um caso isolado e se reflete na realidade geral dos CIEPs hoje em dia, quando a escassez de verbas repercute na administração escolar e no sucateamento da educação pública.

Em frente a biblioteca existe a praça Irênio de Matos Pereira, popularmente conhecida como Praça do Engenho do Mato, que nessa época era frequentada apenas em certos horários por ser considerada “insegura”. Inclusive para alguns moradores era vista apenas como um retorno de carros, pois seu formato triangular permite o deslocamento dos automóveis, funcionando como uma “rotatória”. Nessa praça existia apenas alguns bancos e brinquedos para as crianças, e não tinham manutenção periódica. A iluminação noturna era precária e não haviam lixeiras suficientes.

Nesse contexto, existia uma certa demanda da comunidade local e também de artistas da região, em realizar iniciativas culturais já que o bairro Engenho do Mato era carente de eventos. Portanto, precisamente no verão de 2013, a juventude moradora do local iniciou um simples encontro no fim da tarde aos finais de semana, com instrumentos acústicos de

fácil transporte (violão, pandeiro, *cajón*) com a intenção de ensaiar músicas e ganhar experiência substancial para frequentar batalhas de rima em outras localidades. Portanto, o ritmo musical que predominou foi o *rap*.

A regularidade desses encontros aos finais de semana na praça acabou gerando uma movimentação de pessoas que antes não existia, como crianças brincando até mais tarde nas férias, indivíduos conversando, socializando com uma cerveja, tomando sorvete, etc. além de fomentar o comércio local. Muitos estudantes do CIEP frequentavam o evento, por morarem próximo ao colégio e pela familiaridade que possuíam com o ritmo musical. Essa atividade ganhou proporções e gradualmente se transformou em um evento oficial e periódico de batalha de rima, que recebeu o nome de Roda Cultural do Engenho do Mato. Em geral as rodas culturais têm como grande objetivo “(...) a ocupação do espaço público com o objetivo de não só levar arte e cultura às pessoas, mas revitalizar espaços da cidade abandonados ou sem uso.” (Santiago, 2017: 26).

163

Cabe enfatizar que desde a primeira edição, um dos princípios da Roda Cultural do Engenho do Mato foi a distribuição gratuita de livros através da Biblioteca Comunitária Móvel, que funciona até hoje em um formato itinerante a partir de doações de livros. “Para evidenciar a demanda de uma biblioteca, já que a única que existe no bairro se mantém fechada há anos, organiza-se a Biblioteca Comunitária Móvel, formada a partir de doações, com troca e empréstimo de livros.” (RODA CULTURAL DO ENGENHO DO MATO, 2013)<sup>75</sup>. Nesse formato, cada pessoa poderia pegar até três livros e doar a quantidade que quisesse. Não necessariamente era preciso doar para pegar os livros.

O evento da roda, além de proporcionar cultura, música também fomentava manifestações artísticas de dança, exposições de obras de arte, fotografias e o grafite. O movimento hip-hop é considerado uma atividade política e cultural que mobiliza a juventude periférica através da música, da dança e do grafite, em uma forma de protesto contra as situações que são submetidos, se apropriando do espaço

---

75 Roda Cultural do Engenho do Mato. Biblioteca Comunitária Móvel. Rio de Janeiro, 9 setembro. 2015. Facebook: batalhadoengenho. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadoengenho/posts/1041505489202568>.

urbano e lançando suas manifestações em muros, paredes, ruas e praças, anunciando que espaço e as relações sociais são indissociáveis. Muitos frequentadores das rodas culturais possuem um senso crítico, pois através da oralidade e da rima produzem mensagens verbais de cunho político, além de ser uma construção do saber para uma reflexão.

Com esse panorama, os participantes da roda cultural estavam incomodados de haver um evento cultural já consolidado que promovia a distribuição gratuita dos livros e em frente a este evento existir uma única biblioteca na região que estava fechada há dez anos. Inclusive alguns integrantes da Roda Cultural do Engenho do Mato haviam estudado no CIEP e frequentado a biblioteca durante o seu funcionamento. Por meio da ação direta e concreta, ocupar o prédio público foi uma estratégia de imposição frente ao descaso do poder público na construção de representações simbólicas de identificação e pertencimento através de uma prática espacial insurgente: a ocupação.

Os ocupantes, ao entrarem na biblioteca se depararam com um estado deplorável de saúde pública, com livros queimados, goteiras, poças de água, lixo, grama alta, livros mofados etc. As intervenções aconteceram através de diversos mutirões de limpeza e sua ocupação foi lenta e gradual, quando somente em 2014 os mutirões foram concluídos e puderam instalar os novos livros, além das atividades semanais. Assim a biblioteca é renomeada de Biblioteca Engenho do Mato.

A partir disso a gente conseguiu montar uma biblioteca, nasceu a BEM - Biblioteca Engenho do Mato, sem nenhum apoio financeiro, contando apenas com trabalho comunitário e colaborativo. Se construiu um espaço novo, onde era possível inventar. Com a adesão de cada vez mais voluntários a BEM começou a oferecer aulas e cursos, a primeira atividade foi a capoeira. E logo nos anos seguintes já havia muitas outras atividades. (Santos, 2020: 124)

Essa ocupação se inspirou diretamente nas manifestações e ocupações de 2013, que aconteceram mundialmente mas também no Rio de Janeiro, do movimento *occupy* e das chamadas “jornadas de junho” que não ficaram limitadas somente ao mês de junho (Silva; Ziviani, 2018). Esse movimento também estimulou outras ocupações, o surgimento de novos coletivos autonomistas e de práticas tradicionalmente libertárias. Portanto, as pessoas que vivenciaram as



manifestações entenderam que aquilo poderia ser replicado em seu território, com o engajamento e militância a partir de uma iniciativa local.

Todo esse movimento de ocupação e ressignificação do local que envolveu moradores, estudantes e artistas independentes da região, despertou o interesse em novos integrantes e voluntários para a construção de uma nova biblioteca, doando parte do seu tempo em prol de um bem coletivo. O termo “trabalho voluntário” escrito neste artigo, é considerado como uma categoria da prática social, visto que é utilizado pelos integrantes da BEM nas publicações em redes sociais e nas conversas informais para identificar o vínculo estabelecido. Reformas estruturais também já foram feitas pela comunidade, sem nenhum custeio pelo Estado como a troca do telhado a fim de evitar futuras infiltrações, pintura, instalação de ventiladores e bebedouros de água potável, troca de lâmpadas, reparo nos canos de água e nos cabos elétricos, abertura nas paredes para canais de ventilação etc.

165

Portanto, ocupar em um primeiro momento a praça pública, a rua e posteriormente a biblioteca abandonada, produzir eventos e atividades gratuitas, revelam as formas de resistência frente à marginalização da cultura, da periferia e de transformação da realidade por meio de ação direta, sem intermédios.

Ao apresentar os aspectos históricos da trajetória autonomista da BEM a partir de uma reflexão sobre o panorama das ocupações, podemos avançar sobre as possibilidades que o coletivo busca em relação aos discentes do CIEP - 448, as futuras gerações do bairro, por isso o foco nas atividades são na educação e cultura.

#### PRÁTICAS ESPACIAIS INSURGENTES: AUTOGESTÃO E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Desde as primeiras edições da Roda Cultural do Engenho do Mato e de ocupação da biblioteca, existiu uma preocupação em envolver os estudantes do CIEP. Uma das estratégias utilizadas era justamente fazer algumas edições da Roda Cultural dentro do espaço da biblioteca concomitantemente com os mutirões de limpeza, também chamados de mutirões



culturais. A partir de um vídeo disponibilizado em maio de 2014 na plataforma *Youtube*, podemos perceber alunas e alunos da escola varrendo, ouvindo música, fazendo cartazes, separando o lixo, compartilhando lanches coletivos, inclusive dando depoimentos sobre o antes e depois da biblioteca. Segue abaixo um trecho do vídeo da declaração de uma estudante da época:

(...) hoje em dia a gente está conseguindo ver com outros olhos né, a biblioteca. Nunca pensei que ali fosse virar alguma coisa de bom. Mas graças ao pessoal da roda, que convidou a todos nós do grêmio e do colégio em si para participar disso, e eu acho muito legal. Todos nós achamos muito legal. (Informação verbal do vídeo Mutirão – Biblioteca Engenho do Mato (BEM))

Podemos afirmar que essas ações são consideradas práticas espaciais insurgentes (Souza, 2010), que são uma série de conjunto de estratégias socioespaciais de luta que ressignificam lugares a partir da cultura e do simbolismo, adaptando novas funções. “As práticas espaciais propriamente *insurgentes* têm a ver, acima de tudo, com a *ação direta*.” (Souza, 2010: 17 grifo do autor). Souza também distingue as práticas espaciais insurgentes das práticas espaciais ditas heterônomas. A primeira está ligada às ações que são produzidas pelos movimentos sociais urbanos emancipatórios por meio de ação direta, e a segunda está ligada às práticas coercitivas de poder explícito que visam a submissão da população.

Nesse sentido, é preciso reconhecer a diversidade das lutas que estão imbricadas no cotidiano, “(...) importam, portanto, as práticas espaciais que se vinculam a uma perspectiva de transformação emancipatória da realidade socioespacial – em uma palavra, à práxis.” (Souza, 2010: 25), no entendimento de que a práxis social é o resultado da combinação articulada entre teoria e prática.

Consideramos que as bibliotecas não são somente um depósito de livros, pois nelas se produz conhecimento, vínculos afetivos e outras formas de aprendizado (Ribeiro, 1986: 125). Assim, a Biblioteca Engenho do Mato se constitui como uma biblioteca não tradicional, oferecendo diversas atividades autogeridas, educacionais e corpóreas, juntamente com os livros, debates, saraus, intervenções musicais e artísticas, cinedebate, pré-vestibular, aulas de capoeira, balé, coral, kung-fu, yoga, percussão, além de outras dinâmicas esporádicas.

Nessa perspectiva, precisamos valorizar as práticas espaciais e sociais de redemocratização do acesso à informação. De certa forma, essas atividades são uma maneira sociopolítica de reivindicação e luta da sociedade pelo direito ao acesso ao livro e a leitura. Cabe enfatizar que a Biblioteca Engenho do Mato é a única biblioteca popular da Região Oceânica, evidenciando sua importância e o peso político e pedagógico que ela promove, portanto acreditamos ser de fundamental interesse apresentar as atividades desenvolvidas no espaço da BEM.

Figura 1: Quadro de atividades da BEM

167



Fonte: Facebook BEM

As atividades demonstradas na figura acima têm como público principal as pessoas da comunidade, principalmente crianças e os estudantes CIEP-448. Atualmente o quadro de horários da BEM é composto de atividades como o balé, a *yoga*, capoeira, oficina de artesanato, coral, kung fu, percussão, circuito de trocas e o GT biblioteca que separa e organiza os livros.

No sentido de demonstrar a prática de uma educação libertária, o exemplo do Pré-Universitário da BEM que foi inaugurado em 2017, é uma referência. Atualmente, pós pandemia, as aulas acontecem em formato online durante a semana no horário noturno, tornando o ensino acessível para

quem trabalha em horário comercial. Em princípio, a grande maioria dos estudantes eram alunas e alunos do ensino médio do CIEP-448 e também da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola. O pré-universitário também atendia adultos que estavam a muito tempo fora da escola e pretendiam estudar para concurso.

Como todas as atividades que acontecem dentro da biblioteca, o pré-universitário é gratuito e isso facilitou o acesso à participação da população de baixa renda. As aulas online também facilitaram o deslocamento tanto de docentes como de discentes, além de haver alunos de outros estados cursando o pré-universitário da BEM. Portanto o projeto tem como prioridade auxiliar pessoas de baixa renda a cursarem o ensino superior e, assim, tentar contribuir para a minimização das desigualdades sociais.

Os pré-vestibulares universitários em geral, têm autonomia na sua organização, o que permite uma estrutura flexível e a participação de indivíduos distintos. No pré-vestibular universitário da BEM é significativo o papel tanto no auxílio ao acesso de camadas populares da sociedade à educação superior, quanto na busca da conquista da autonomia pedagógica dos discentes, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. Em referência aos docentes, possuem total independência didática, visto que não são obrigados a escrever relatórios, cronograma preencher papéis burocráticos e dar satisfação aos coordenadores pois os professores que estão dispostos a dar aula para o pré-universitário da BEM conhecem os princípios da biblioteca como a autogestão e o trabalho voluntariado.

Fundada sob a ajuda mútua e o exercício do altruísmo, a educação libertária proporcionaria a relação de cooperação tomando por base as características individuais, do ponto de vista genérico e do ponto de vista da personalidade, e sua fusão mediada pela conservação da vida social. (Santos, 2014: 141)

Sabemos que um dos papéis da educação libertária é o de gerar autonomia no indivíduo e promover uma leitura crítica de mundo. Assim, a educação libertária fornece instrumentos para analisar as ações no cotidiano para a tomada de decisão do sujeito, além de problematizar junto aos estudantes os fenômenos do cotidiano situados em seus espaços de vivência. Nesse sentido, a partir de suas práticas espaciais, podemos

considerar a Biblioteca Engenho do Mato como um espaço de educação não-formal, já que “a educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.” (Jacobucci, 2008: 56).

No campo da educação privada, o ensino fica a serviço das classes dominantes para manter submissa toda a população (Moriyón, 1989). Além de algumas escolas insistirem na má remuneração, o professor é visto apenas como um instrumento na passagem dos conhecimentos dentro da sala de aula, os professores também precisam fazer trabalhos burocráticos que demandam tempo e não são compatíveis com o salário recebido.

Algumas outras atividades não aparecem no quadro de horários como por exemplo o BEM Musical, o Projeto Escuta BEM e a sala multimídia, pois são atividades flexíveis. O projeto Escuta BEM é organizado por uma psicanalista e por uma psicóloga que propõem uma roda terapêutica voltada para mulheres todas as sextas feiras de manhã. O BEM Musical é a gravação em audiovisual de músicas de grupos artísticos da Região Oceânica, onde o salão principal da Biblioteca se transforma em um estúdio de gravação. Atualmente estão disponíveis 10 vídeos gravados na plataforma *Youtube*, pelo canal TV Arte em Rede Região Oceânica<sup>76</sup> e outros vídeos estão em fase de edição e finalização. A sala multimídia, que está em fase de finalização, será uma sala para abrigar cerca de 10 computadores e servirá para ministrar aulas de edição de vídeos, aulas de informática e o que mais precisar.

A estrutura organizacional da BEM acontece por meio da autogestão que é organizada a partir de reuniões mensais, embora nem todos os integrantes consigam participar visto que o trabalho é voluntário, ocasionando em uma variação do número de participantes nas reuniões. Nessas reuniões cada um pode opinar sobre o assunto debatido em questão, orientar os futurosicineiros e o público em geral sobre o que é a BEM, sobre seus princípios e o funcionamento.

Essas são formas antiautoritárias de enfrentar situações onde existem divergências “(...) e entendemos que este esforço

---

76 Disponível em:  
<https://www.youtube.com/@TVArteemRedeRegiaoOceanica> Acessado em:  
04/05/2023

coletivo de auto-organização é uma ferramenta através da qual buscamos fortalecer a luta pela auto-emancipação das classes periféricas” (Bartholl, 2015: 392). É também um espaço de decisão que serve para lidar com as discordâncias e diferenças, pois a autogestão potencializa uma resolução menos conflitiva dos obstáculos que existem, o que também pode ser considerado como uma estratégia de luta política quando todos são liderança, não deixando de ser uma instância de poder – um poder que é compartilhado na horizontalidade das relações de poder.

O funcionamento se materializa através de Grupos de Trabalho (GT), como o GT biblioteca, GT agroecologia, GT educacional, GT comunicação. O GT biblioteca fica responsável referente ao acervo físico da BEM onde todas as doações passam por uma seleção que investiga o teor dos livros. Aqueles livros repetidos ou que não estão de acordo com os valores da biblioteca são destinados para outras bibliotecas ou para a Biblioteca Comunitária Móvel que possui um espaço dentro da BEM. O GT agroecologia cuida da parte externa da biblioteca e se atenta em cortar a grama, podar as árvores, cuidar das diversas culturas plantadas e do armazenamento de sementes. O GT educacional fica destinado a organizar as aulas do pré-universitário como os horários, as escalas dos professores e a reposição de materiais. O GT comunicação cuida das redes sociais da BEM, da divulgação de eventos, do diálogo com outros coletivos e na captação de novos voluntários. Cabe destacar que na categoria da prática, o trabalho voluntário é um dos elementos centrais do coletivo da biblioteca, visto que correspondem a escolhas políticas e estratégicas, fundamentadas sobretudo pela horizontalidade.

Na BEM permanece ativo o projeto de Biblioteca Comunitária Móvel que é uma derivação do projeto de doação de livros da Roda Cultural do Engenho do Mato. Como a BEM recebe muitas doações de livros, existe uma preocupação do GT biblioteca em fazer a triagem desses livros na intenção de separar quais estilos devem ir para as prateleiras da BEM e quais devem ir para a biblioteca móvel. Como por exemplo livros de receitas, religiosos ou livros repetidos (que já existem no acervo) vão para a biblioteca Itinerante, que funciona com uma execução bem simples: um caixote de madeira com alguns exemplares disponíveis para doação em eventos específicos

que a BEM participa. A intenção é que os livros sejam livres e circulem, e que devam ser lidos de fato por quem se interessou. Esses eventos que a BEM participa em um formato itinerante são de cunho político que acontecem mais precisamente na Região Oceânica de Niterói, apesar da BEM já ter participado de eventos no Centro da cidade, ainda que com menor frequência.

Devemos portanto, examinar os processos microssociais do cotidiano, nas margens, e nas periferias, que podem não mudar o modelo hegemônico de fato, mas dão significado a existência da diferença, assim como sustenta Falero (2014), para quem a delimitação de campos de observação ao estudo transversal podem:

Para colocar um exemplo já no final deste ponto: formas de produção associativas, autogestionária, cooperativas, podem não disputar a hegemonia das dinâmicas de produção dominantes, mas sua visualização transversal e comparativa gera um instrumento-chave para um processo cognitivo de reflexão de alternativas, para a formulação de novos conceitos e para abrir novas perguntas rumo a novas pesquisas. (Falero, 2014: 44)

171

À guisa de conclusão, todas essas características discutidas acima são o que tornam a Biblioteca Engenho do Mato uma biblioteca singular. Aliás, são dez anos construindo diariamente uma forma de comunicação mais transparente e participativa. Foi através da autogestão e da educação libertária que lançamos nosso olhar para as análises espaciais da BEM. Suas práticas espaciais insurgentes estreitam laços coletivos com a comunidade, no sentido de potencializar suas ações, formando assim uma identidade coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2023, a Biblioteca Engenho do Mato completa dez anos de conquista e ocupação do espaço, através do trabalho braçal e da luta social que foram necessários para suprir as deficiências que o Estado deixou. Todas essas atividades que acontecem na biblioteca nos remetem a um trabalho social de base, pois o coletivo fornece conteúdos que atendem as reivindicações da comunidade de maneira orgânica e informal.

Em certa medida, a gestão comunitária e autogestionária do espaço da BEM pode ser vista como um espaço autônomo

que agrega diversos outros coletivos, como a própria biblioteca, a Roda Cultural e as atividades dinâmicas e esporádicas, podendo ser considerado um espaço de educação não-formal. Inclusive, as práticas que acontecem no cotidiano da BEM nos remetem a uma série de conteúdos vinculados às temáticas ambiental, cultural, informacional e educacional, além de outras, que se articulam com a biblioteca e com outros espaços e tempos em prol do coletivo.

É um trabalho de autogestão, em que todos podem participar e todos são convidados a conhecer o espaço e a propor mudanças. É um espaço aberto. O que mais me engaja nisso tudo é acreditar que é espaço de resistência. É difícil falar. A gente vê, hoje, como é possível resistir frente a todos os descasos que a gente vê no nosso país; a gente está lá fazendo acontecer, e é nós por nós. Não tem ninguém ali, não tem dinheiro nenhum envolvido, mostrando que é possível produzir um espaço com outro modo de ensinar, aprender, produzir saber, sem ter que pagar pelo conhecimento. (Santos, 2020: 126-127)

172

Portanto, a biblioteca inaugurada em 1993 junto com o CIEP-448 Ruy Frazão Soares no bairro do Engenho do Mato passou dez anos em operação, quando em 2003 precisou fechar as portas, provavelmente por um possível processo de sucateamento da educação. Dez anos depois, em 2013, houve a revitalização da biblioteca pelos moradores engajados do bairro, que já ocupavam a praça e a rua com eventos de *rap*. Nesse sentido, a população conjecturou a retomada da biblioteca por meio da ocupação e de diversos mutirões comunitários e culturais, devolvendo a biblioteca para a comunidade, rebatizando-a de Biblioteca Engenho do Mato, ou simplesmente, BEM.

Podemos ainda identificar que as pessoas que frequentam a BEM possuem as mais distintas idades, desde crianças (que são as que mais participam das oficinas) até adolescentes, adultos e idosos, numa escala etária abrangente que varia entre 5 e 75 anos. Trata-se, portanto, de um coletivo intergeracional, plural, múltiplo, integrado e diverso nos níveis mais sutis.

A ausência de eventos culturais em Niterói, principalmente na Região Oceânica, fez com que as pessoas da própria localidade se organizassem e elaborassem os próprios eventos culturais, festivais e comemorações que são necessários enquanto atividades de lazer para a população, principalmente os habitantes da periferia, historicamente ignorados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHOLL, Timo (2015). Territórios de resistência e movimentos sociais de base: uma investigação militante em favelas cariocas. Tese. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

FALERO, Alfredo (2014), Entre o rigor teórico-metodológico e a criatividade – Algumas chaves cognitivas para a pesquisa dos movimentos sociais na América Latina. In: GOHN, M. G.; BRINGEL, B. M. (orgs.). Movimentos social na era global. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

INEA - Instituto Estadual do Ambiente (RJ) (2015.). Trilhas: Parque Estadual da Serra da Tiririca = Trails : Serra da Tiririca State Park / Instituto Estadual do Ambiente (RJ). – Rio de Janeiro: INEA. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/Guia-de-Trilhas.pdf>

JACOBUCCI, D. F. C. (2008). Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. Em extensão, Uberlândia, V. 7.

MORIYÓN, F. G. (org.) (1986). Educação libertária. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989 (Introdução)

RIBEIRO, Darcy (1986) O livro dos CIEPs – Rio de Janeiro: Bloch.

SANTIAGO, Carolina de Castro (2017). Batalhas de rima de São Gonçalo: “Eu tô aqui”. Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Abrahão de Oliveira (2020). Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas. Niterói: Eduff

SANTOS, Luciana Eliza dos. (2014) A educação libertária e o extraordinário: Traços de uma pedagogia (r)evolucionária. Tese. Universidade de São Paulo.

Secretaria de Urbanismo e Mobilidade. (2021) Diagnóstico para elaboração da Lei de uso e ocupação do solo (LUOS) do Município de Niterói.

SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula. (2018). “Temporalidades emaranhadas”: desafios metodológicos da dinâmica dos protestos em rede de 2013 no Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 117.



SOUZA, M. L. (2010). Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e ação direta. Revista Cidades – Formas Espaciais e Política(s) Urbana(s), v.7, n.11, pp.13-48.